

Baker faz Bresser mudar de idéia

Washington — O ministro da Fazenda, Luis Carlos Bresser Pereira, ao sair da reunião com o secretário do Tesouro, James Baker, disse que a proposta de converter em investimentos parte da dívida do Brasil será de forma voluntária e negociada com os bancos credores.

Esta declaração muda profundamente o anúncio que ele mesmo fez na semana passada, em Brasília, de que proporia aos bancos dar o mesmo tratamento dos investimentos — ou seja, um deságio de 30 por cento — à metade das dívidas a médio e longo prazos (cerca de 35 bilhões de dólares). Essa parte da dívida, portanto, sofreria um desconto mínimo de 30 por cento sobre seu valor nominal.

Esta proposta foi qualificada pelos meios bancários norte-americanos como "inaceitável" e "perigosamente radical".

Após mais de uma hora de conversas com o secretário Baker, Bresser disse claramente que o secretário do Tesouro "não gostou da idéia" da conversão em investimento da metade da dívida brasileira no valor em que é cotada no mercado secundário: "O secretário Baker me pediu encarecidamente que não fizéssemos nada que não fosse voluntário."

O ministro disse também que o Brasil (abandonando sua posição de repúdio ao Fundo Mone-

tário Internacional) negociará um acordo com o FMI depois que chegar a um acordo com os bancos.

Bresser Pereira enfatizou que a reunião foi "amistosa e muito franca", mas "não se chegou a conclusões, pois foi somente uma troca de idéias".

Um porta-voz do Departamento do Tesouro disse que houve um acordo geral de que os problemas financeiros do Brasil devem ser encarados de uma maneira convencional e que os dois governos continuarão estreitamente com essa finalidade.

O porta-voz disse que Baker caracterizou a proposta inicial de Bresser Pereira — a transformação da metade da dívida em bônus de seu valor de mercado — como algo sobre o que nem sequer se pode começar a discutir (a non starter), afirmou.

Bresser Pereira disse que já não se propõe exigir dos bancos a conversão em investimentos de um determinado percentual de sua dívida, mas sim negociar a emissão de bônus que poderão ser adquiridos voluntariamente pelos bancos. Na mesma linha de um acordo negociado anteriormente pela Argentina, "Segundo o ministro, a tentativa da Argentina nesse terreno 'teve pouco êxito', e portanto o Brasil poderia incluir 'ativos especiais' para ter uma maior aceitação."

Como exemplo, Bresser Pereira disse que os bônus brasileiros ofereceriam uma taxa de juros abaixo das taxas de mercado (igual aos argentinos), mas poderiam ter "prêmios especiais", que seriam concedidos no caso das exportações brasileiras superarem as expectativas.

O ministro anunciou que, no final deste mês, se reunirá com o comitê bancário, em Nova Iorque, antes da reunião anual do Fundo Monetário Internacional, que será realizada em Washington a partir do dia 28. Confirmou também que pretende se reunir nas próximas semanas com os ministros das finanças da Argentina e do México, mas não para formar um Clube de Devedores, como sugeriu a imprensa norte-americana, mas sim para examinar nossas preocupações comuns, que são muitas. Bresser Pereira recordou que os países credores se reúnem pelo menos duas vezes por ano e ninguém os acusa de formar um clube.

Quanto ao pedido dos bancos de que o Brasil faça um "pagamento simbólico" para começar a negociar, Bresser Pereira respondeu secamente: "Esqueçam disso" (*forget about it*). Ontem, o ministro brasileiro encontrou-se com o presidente da Reserva Federal (Banco Central), Alan Greenspan.